

[Entrevistador] [fala simultânea] Gravação ok. Áudio ok. Um, dois, três. Gravando!

[Entrevistador] Boa tarde, eu sou a Bruna Vitória e aqui junto do meu lado está a Mariana. E nós somos alunos do Colégio Estado de Alagoas. Viemos aqui juntamente de alguns outros alunos falar sobre um projeto, um minicurso que está acontecendo na nossa escola sobre patrimônio para todos. Qual é o seu nome?

[Kaleu Gomes] Eu me chamo Kaleu Gomes.

[Entrevistador] muito prazer em conhecê-lo. Eu ouvi por algumas pessoas já comentando que a sua forma de expressão cultural é o reggae. Eu só acho que, assim, o impacto na comunidade é realmente importante.

[Kaleu Gomes] Com toda certeza. O reggae impacta de uma certa forma, porque apesar da expressão cultural, também é um estilo de vida, o reggae. A musicalidade também contagia moradores, as pessoas também. E que o meio social que o reggae também expressa é muito de uma organização social, uma fraternidade. Então, pelo menos aqui no bairro, o reggae é bem expressivo, juntamente com o trabalho que a gente tem feito desde o início do coletivo Bahamá, que é onde eu trabalho também. E até hoje a gente consegue... ter essa comunicação através do reggae aqui dentro da comunidade. Existe alguma dança associada ao reggae? Sim, sim, é uma dança bem presente aqui dentro de Fortaleza. Aqui em Fortaleza o reggae geralmente é dançado a dois, a dois que é aquela dança coladinha. E também tem o reggae do passinho, que é já mais dançante, já fileira de pessoas sincronizadas, né? Tem gente que inventa novos passos, né? E aqui em Fortaleza vem se tornando uma febre.

[Entrevistador] O senhor poderia mostrar pelo menos um passinho do reggae?

[Kaleu Gomes] Um passinho do reggae? Eu poderia sim, com toda certeza. Podia cortar gente, pra poder ele fazer o passinho

[Kaleu Gomes] Se eu puder ir mais pra trás um pouco, ok? Ah, tudo bem. E o Disney também. Esse aqui é só os primeiros, galera. Então, esse aqui pra decorar pelo menos com uma primeira base é bem fácil.

[Entrevistador] [fala simultânea] O Disney e o Dyson no quadramento.

[SPEAKER\_UNKNOWN] Foi mal. Tudo bem.

[Kaleu Gomes] Então, vamos lá? Primeiro eu faço um, como é que é? Eu faço um primeiro.

[SPEAKER\_00] Agora eu acho que pode dar close no pé, né?

[Kaleu Gomes] Ele é dito, né?

[Entrevistador] Três passos. [fala simultânea] Não, mas bater um close no pé...  
Três passos, ó. Um, dois, três.

[Entrevistador] Eu acho que tu pode fazer uma música aqui, se tu quiser falar.

[Entrevistador] Tudo bem. Vamos lá? Pronto.

[Kaleu Gomes] [fala simultânea] Três.

[Entrevistador] [fala simultânea] Câmera ok. Ok. Áudio ok. Um, dois, três.

[Entrevistador] Gravando. Quem participa se envolve diretamente no reggae.

[Kaleu Gomes] Você diz aqui dentro do coletivo, do reggae? Eu represento o coletivo quando somos convidados por outros projetos de reggae, pelo fato de eu ser DJ de reggae, então tem muita influência desse conhecimento, de ser conhecido em outros bairros que também tem seus projetos e fazem essa conexão, promovendo o intercâmbio cultural entre as comunidades.

[Entrevistador] O que você sente quando vivencia essa expressão cultural?

[Kaleu Gomes] É um sentimento de... além de paz, mas é uma... é onde... é o meu escape, sabe? Meu escape, onde eu consigo esquecer meus problemas, né? Onde me faz bem estar. Então, é muito especial pra mim, né? Por pessoa.

[Entrevistador] Alguma história ou tradição transmitida por ela?

[Kaleu Gomes] Alguma história?

[Entrevistador] Ou tradição?

[Kaleu Gomes] Várias histórias, várias pessoas que a gente consegue, no meio do reggae aqui de Fortaleza, eu conseguir conhecer muitas pessoas especiais, muitas pessoas bastante importantes aqui para a nossa cidade. Você poderia contar pelo menos uma história? Uma história? Eita, eu posso contar assim, eu posso contar a história de quando o nosso território estava em conflito e a gente não estava podendo realizar os eventos de reggae aqui na pracinha, como a gente geralmente faz, e na mesma época eu estava tendo um... uma conexão muito grande com os movimentos do Genibaú. Aí a gente pensou e resolvemos fazer um evento lá no Genibaú com a nossa produção aqui da Barra. E foi um sucesso. Por mais que tenha chovido no dia, a gente fez um evento numa vila olímpica, um

reggae totalmente à luz de velas. E acho que esse é um dos estados mais que eu vou estar lembrando.

[Entrevistador] O senhor percebeu alguma diferença no começo da história do reggae até agora?

[Kaleu Gomes] Aqui, pelo menos sim. Infelizmente, o reggae ainda é tratado com muito preconceito, não só aqui na nossa cidade, mas no Brasil inteiro. E aqui no bairro, no conjunto Bahamar, não seria diferente. Porém, as pessoas vêm percebendo o nosso trabalho e a importância que a gente expressa através dele. E as pessoas vão começando a se orientar e ver que o reggae é mesmo uma cultura, que vem para fortalecer mesmo a comunidade contra um só.

[Entrevistador] O reggae mudou a sua vida?

[Kaleu Gomes] De certa forma, sim. Porque se não fosse o reggae, eu não sei como é que eu estaria hoje. O que é que eu teria pegado viagem se não for o reggae? Sem ser o trabalho, entendeu? Então, por isso que é muito importante para mim.

[Entrevistador] Eu compreendo. E como você acha que isso fortalece a identidade local? Como isso afeta a vida de outras pessoas? A vida de... como é que eu posso explicar? Pessoas na qual tiveram o sonho de participar do reggae, mas tiveram que lidar com preconceito.

[Kaleu Gomes] É uma história que a gente, infelizmente, tem que suportar, por mais que a gente combata. Pelo menos nós, os produtores do reggae de rua aqui de Fortaleza, a gente sempre rebaixa posicionamentos como esse, como racismo, quanto ao preconceito. Mas a gente está aqui firme e forte. E também não romantizando você fazer sem nada, mas que também a gente consiga ter pelo menos um mínimo de estar promovendo a arte e o entretenimento, porque é através disso que uma cultura local é mudada, através de uma rotina. Então, você promovendo a arte e a cultura dentro de uma região, com certeza aquela região não vai ser a mesma.

[Entrevistador] E o que você pode fazer, não só você, mas todos os que participam desse projeto, pode fazer para manter esse projeto vivo, manter não só para essa geração, como também as futuras gerações que virão.

[Kaleu Gomes] É uma vontade muito grande da gente é que as próximas gerações, as crianças que a gente repassa, ações, atividades, ou até mesmo o diálogo da gente, que eles se sintam pertencentes desse movimento. E quem sabe um dia eles tocam na banda do coletivo, né? Então é um sonho, mas eu espero aí que está se construindo de uma forma orgânica. Então está tudo certo.

[Entrevistador] E como vocês lidam com esse preconceito diário que vocês sofrem? Existem julgamentos em relação a vocês? Como é que vocês combatem em geral?

[Kaleu Gomes] Enfim, eu posso responder essa pergunta falando sobre os anos do coletivo Barra Mar. A gente vai fazer sete anos agora esse mês de novembro, então a resistência é uma forma de tentar breicar qualquer tipo de racismo ou repressão local ou apagamento, principalmente aqui na nossa cidade de Fortaleza, que tem uma cultura muito potente, mas infelizmente não chega com tanto acesso para a gente.

[Entrevistador] Eu entendo. Eu queria agradecer por esse momento, por apresentar mais do reggae, por apresentar não só sobre o reggae, mas também a história de vocês, a história do... Esqueci o nome. Mas do projeto de vocês. É muito interessante saber disso, muito interessante saber que o reggae é uma cultura e vocês lutam diariamente com o preconceito, com o medo do que vão achar, do que se devem continuar. Isso é realmente muito lindo. E salve de palmas pra vocês.

[Kaleu Gomes] Gratidão, muito obrigado